

Henrique Vieira

O amor como revolução



Copyright © 2019 by Henrique Vieira

Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e foto
Chico Cerchiaro

Preparação
Fernanda Villa Nova

Revisão
Clara Diamant
Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vieira, Henrique

O amor como revolução / Henrique Vieira — 1ª ed.
— Rio de Janeiro : Objetiva, 2019.

ISBN 978-85-470-0083-7

1. Amor — Aspectos religiosos 2. Conduta de vida 3.
Espiritualidade 4. Religião e política 5. Religião e socio-
logia I. Título.

19-25352

CDD-261.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Religião e política : Teologia social 261.7

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

*Para Maria Inácio Vieira, filha,
utopia que se materializou diante dos meus olhos.*

Sumário

| | |
|---|-----|
| <i>Oração da felicidade</i> | 9 |
| Meu encontro com o desamparo | 11 |
| O amor como atitude revolucionária | 31 |
| O fundamentalismo religioso como produtor de ódio | 48 |
| Jesus para o nosso tempo..... | 72 |
| Amar os opressores... será? | 93 |
| O medo não é bom conselheiro | 107 |
| O racismo é o chão da história do Brasil | 119 |
| Entre no seu quarto e feche a porta | 147 |
| <i>Epílogo: Há um menino</i> | 155 |
| <i>Agradecimentos</i> | 161 |
| <i>Notas</i> | 163 |

Oração da felicidade*

Que todas as crenças religiosas sejam respeitadas
e até mesmo a não crença religiosa.
Que possamos comungar na crença da humanidade,
da diversidade e do bem comum.
Que seja declarada justa toda forma de amor.
Que nenhuma mulher seja alvo do machismo estrutural.
Que a juventude negra não seja alvo do extermínio.
Que Marias Eduardas não sejam assassinadas dentro da escola.
Que Marquinhos da Maré não sejam assassinados indo para a escola.
Que Marielles possam chegar em segurança a suas próprias casas.
Que todo agricultor tenha uma terra para plantar, que todo sem-teto
tenha uma casa para morar.
Que os indígenas sejam respeitados nas suas crenças.
Que as fronteiras acabem e as armas caiam no chão.
Que a felicidade venha sobre nós respeitando toda dor
e consolando toda lágrima,
porque felicidade de verdade só é possível sob a bênção da comunhão.
Amém.
Axé.
E o que de mais universal existe: Amor.

* Oração feita no programa da Rede Globo *Amor e Sexo*, que foi ao ar em 4 de dezembro de 2018.

Meu encontro com o desamparo

Aos dezesseis anos eu soube que minha vida não seria mais a mesma. Uma neurite óptica bilateral afetara grande parte da minha visão e ninguém sabia o porquê. Eu podia ficar cego. Até aquele momento minha história não tinha sido exatamente fácil, mas as coisas estavam melhorando. Uma bolsa integral de estudos me garantiria um ano mais tranquilo, sem ter de trabalhar, e fiz muitos planos. Então minha vista começou a embaçar e de repente eu estava internado num hospital universitário recebendo corticoide na veia e me sentindo despedaçado. Não havia nada a fazer além de torcer para que em outro lance inesperado a vida me concedesse uma trégua. Chorei muito diante de Deus. Eu me senti impotente diante das circunstâncias da vida. Percebi ali que não comandava o destino e que minhas escolhas, tão meticulosamente planejadas, eram extremamente vulneráveis. Teria de me mover de acordo com as circunstâncias, e o desamparo que senti diante dessa constatação é o ponto de partida deste livro.

A propósito, não fiquei cego, embora minha visão não tenha se recuperado totalmente. Mas isso não é o que importa, e espero que você saiba a razão quando chegar ao fim deste livro.

A sensação de desamparo do ser humano é, para mim, uma discussão muito ampla e fundamental em nosso tempo. Acredito que por trás de discursos e comportamentos violentos há um grande medo da vida, uma profunda insegurança existencial. De que forma o desamparo se relaciona às práticas de ódio e o que podemos fazer para construir um mundo efetivamente melhor são questões que me movem há muito tempo. Elas pautam meu dia a dia, constituem minha caminhada como ser humano, pastor, pai, marido, filho, amigo e cidadão. Portanto, a pergunta é: como reagir ao inevitável desamparo da vida?

Vamos começar pelo começo.

Os discursos e práticas de ódio têm aumentado no Brasil e no mundo, gerando ambientes tensos, até mesmo perigosos, porque desgastam as relações humanas e impõem a violência. Eles habitam nosso microcosmo: o ambiente de trabalho, os transportes públicos, as igrejas, as empresas, as redes sociais e até mesmo o espaço familiar. Também estão nos discursos das mais diversas entidades públicas e privadas, na aplicação das leis, nas falas de autoridades e governantes. Mas, afinal, de onde vem tanto ódio? Será que de fato o ódio tem aumentado ou é simplesmente uma questão de índole e caráter? Pode ser uma escolha ou é mero reflexo? Para compreender esse fenômeno, temos uma longa caminhada pela frente, mas o primeiro passo é observar o desamparo da condição humana e quais as possíveis respostas a ele. Porque, quando vistos de perto, os dispositivos de ódio são na verdade reações ao drama que é a própria vida.

Temos a impressão de que viver em sociedade está cada vez mais difícil, de que não conseguimos mais construir relações genuínas. Vivemos a sensação de não termos com quem contar,

de não nos sentirmos seguros, acolhidos, e vivemos com medo de julgamentos e competições. Ainda que haja uma abundância de palavras, a incapacidade de nos comunicarmos e de sermos compreendidos é a regra. A impressionante quantidade de informações disponíveis no mundo moderno convive, em igual medida, com a dificuldade de nos informarmos.

Nas palavras do cantor e compositor Criolo, “os bares estão cheios de almas tão vazias”.* Ou seja, mesmo nos momentos de encontro e festa, somos tomados por um vazio intenso que nos rouba a sensação de conforto. Nessa solidão há um drama existencial que atravessa todas as pessoas, uma comunhão universal na condição do desamparo. Estamos todos no mesmo barco.

Colocando a questão em perspectiva, essa é uma condição que não depende de contexto histórico e geográfico, porque é a premissa do ser humano. Somos uma potência frágil: podemos quase tudo e quase nada ao mesmo tempo. Fazemos planos, acalentamos sonhos e somos capazes de realizar coisas grandiosas, mas tudo pode mudar de uma hora para outra. Não controlamos as variáveis da vida. Como garantir que o dia seguinte será como planejamos? Como proteger as pessoas que amamos? Esta é a nossa singularidade e também o nosso drama: o ser humano não somente vive, mas sabe que vive. Para além de uma complexa rede de fenômenos bioquímicos que nos traz vitalidade orgânica, temos a consciência de nossa humanidade. Liberdade e angústia resultam dessa consciência.

A vida nos convida diariamente a encarar sua beleza e tragédia. A maneira como lidamos com essa condição de desamparo é que determina os relacionamentos humanos. Tendemos à negação, ao entretenimento permanente, às distrações contínuas, ao barulho

* Da canção “Não existe amor em SP”.

incessante que nos livra do incômodo do silêncio. E por que o silêncio incomoda? Porque de alguma maneira evoca a reflexão, o confronto com nossa condição mais profunda e as verdades que não contamos para nós mesmos. O silêncio é um espelho, uma nudez da alma, um choque, um encontro marcado com o vazio que há em cada um de nós.

Durante muito tempo, sempre que eu chegava em casa, imediatamente ligava a televisão, mesmo que não quisesse ver nada. Enquanto passava a roupa, arrumava os livros ou varria a casa, deixava a televisão ligada. Descobri que fazia isso por causa da distração do barulho, e porque tinha me desacostumado a conviver comigo mesmo. Eu não gostava do silêncio, e minhas tarefas diárias me pareciam entediantes e infrutíferas. Esse é um exemplo de uma das velozes engrenagens de uma sociedade da multidão, e não da comunhão; de performance e produtividade, não de acolhimento à individualidade. Percebi que a televisão constantemente ligada era uma forma de negar o desamparo. Uma forma sutil, mas real.

São esses detalhes do cotidiano que revelam nossa dificuldade em parar, respirar, refletir, contemplar. Talvez por isso os shoppings estejam cheios e as praças públicas, cada vez mais vazias. Parece que só podemos conviver com o outro mediados pelo consumo e pelo entretenimento. Ou que apenas com muitas distrações conseguimos suportar uns aos outros. O bate-papo despretensioso, a troca de olhares e o contato físico, assim como um abraço sincero, estão entrando em extinção. Uma escuta atenciosa demanda paciência. Vivemos o tempo da atualização permanente das redes sociais, do acompanhamento minuto a minuto pelo WhatsApp, e há sempre mais uma ligação a fazer, mais uma mensagem a enviar, mais um projeto a desenvolver. Essa agenda acelerada, obviamente, é fruto de demandas externas,

mas pode ser também de uma demanda interna que não nos deixa parar nunca. Esse desespero implícito — e não confessado — mexe conosco porque nos deixa impacientes, menos generosos, menos preparados para o convívio. É aí que entram os dispositivos de ódio, que ganham força com nossa imaturidade emocional para lidar com o desamparo da vida.

Partimos para as relações humanas com sede de aceitação e completude, então acabamos projetando nas pessoas expectativas ilusórias que só podem gerar frustração. Na verdade, nenhuma relação humana, por mais próxima, íntima e saudável que seja, é capaz ou deveria ter como objetivo nos livrar do desamparo. No entanto, o reconhecimento desse fato não deve nos levar à apatia ou ao desencanto, ao contrário. É diante desse encontro com a fragilidade da vida que temos a oportunidade de aproveitá-la com mais consciência e gratidão. Se percebermos os nossos próprios limites, acolheremos melhor os limites dos outros. Se formos generosos conosco, tenderemos a ser mais generosos com os outros. Se formos capazes de reconhecer que não podemos solucionar todos os problemas das pessoas que amamos, estaremos mais aptos a perceber que as pessoas que nos amam não podem resolver todos os nossos problemas. Isso significa que nos abriremos a relações mais saudáveis e, conseqüentemente, mais profundas.

Estamos sozinhos, mas não solitários. Uma perspectiva mais comunitária cria ambientes em que os dispositivos de ódio, derivados do desamparo, não se tornam ações destrutivas. O fascismo é o modelo comportamental que se alimenta estruturalmente da intolerância, da incapacidade de convívio com as diferenças e da necessidade permanente de controle e domínio sobre os outros. Se, em última instância, ambientes fascistas se constroem pela dificuldade de lidarmos com o desamparo da

vida, o resultado é a liberação do ódio, o desejo permanente de vingança, a escolha de inimigos pela incapacidade de aceitar a diversidade.

Há algo de fascista em cada um de nós, pois é mais fácil distribuir raiva e frustração do que refletir sobre nossas verdadeiras motivações. Aliás, são raros os momentos em que conseguimos olhar para dentro em busca de nossa própria verdade. Mas a caminhada da comunhão envolve perseverança. A insistência na vida comunitária e democrática é o melhor caminho para enfrenarmos os dispositivos fascistas que existem nas sociedades e em cada um de nós.

Se estamos fechados em nossos próprios problemas e tristezas, não podemos conviver com a pluralidade de pensamentos e a diversidade de comportamentos. O ódio impede que tenhamos paciência para produzir consensos. Nos modelos de sociedades autoritárias, percebam que há uma autoridade capaz de silenciar as vozes dissonantes, porque ela é capaz de — artificialmente, é óbvio — aplacar esse medo existencial e essa sensação de desamparo. A melhor maneira de combater discursos e práticas fascistas é promover cada vez mais os espaços de sociabilidade e convívio, mas também precisamos reconhecer a semente desses discursos e práticas em cada um de nós.

Como reagimos ao desamparo, eis o cerne da questão.

Retorno então aos meus dezesseis anos e àquele momento em que conheci o desamparo, ou melhor, o reconheci. Eu estava terminando o segundo ano do ensino médio e, como disse, tinha acabado de ganhar uma bolsa integral para o terceiro ano. Era um motivo especial de felicidade, porque eu sabia do enorme esforço que minha mãe fazia para garantir meus estudos em uma boa